

RECENSÕES

TARGINO, M. das G. *Comunicação científica: o artigo de periódico nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário brasileiro na pós-graduação*. Brasília: UnB, 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília, 1998. 387 p.

Recensão elaborada por **José Marques de Melo**, da Universidade Metodista de São Paulo.

Dentre os gêneros comunicacionais através dos quais os cientistas difundem o conhecimento novo ou discutem as tendências de cada disciplina, o **artigo** ocupa lugar hegemônico. Trata-se de uma forma de expressão legitimada pela comunidade acadêmica mundial, constituindo unidade de referência para aferir a produtividade individual e o reconhecimento coletivo dos produtores de ciência e tecnologia.

A literatura brasileira sobre esse objeto continua muito escassa. A maioria dos manuais de metodologia do trabalho científico privilegia os gêneros da comunicação primária, ou seja, aquela destinada aos próprios pares. Martins, Celani¹ se restringem à **tese**; Inácio Filho² focaliza exclusivamente a **monografia**; Moura Castro³, por sua vez, demonstra preferência pela **comunicação científica**, mais conhecida entre nós pelo anglicismo *paper*. Um dos poucos autores que se preocupa com a comunicação secundária, ou melhor, com os processos de difusão do saber para contingentes mais amplos, com finalidades didáticas ou informativas é Novah Moraes⁴. Ele sugere algumas formas de divulgação, potencializando a circulação do conhecimento científico fora do “*gueto*” acadêmico, inclusive o **artigo**.

Vale a pena esclarecer preliminarmente que o **artigo científico** não se confunde com o **artigo jornalístico**. São dois formatos distintos. O primeiro tem estrutura rígida, correspondendo às etapas da pesquisa científica e buscando convencer o leitor pelas evidências observadas a partir de hipóteses previamente definidas. Enquanto isso, o segundo caracteriza-se pelo estilo argumentativo, geralmente escrito com a intenção de persuadir o interlocutor no terreno ideológico. Na verdade, os cientistas recorrem aos dois formatos para se comunicar. Usam o

¹ MARTINS, Joel, CELANI, Maria Antonieta Alba. Subsídio para redação da tese de mestrado e de doutorado. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

² INÁCIO FILHO, Geraldo. As monografia na universidade. Campinas: Papyrus, 1995.

³ MOURA CASTRO, CLAUDIO de. Estrutura e apresentação de publicações científicas. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.

⁴ NOVAH MORAES, Irany - Elaboração da pesquisa científica, 2. ed. São Paulo, Editora Alamo, 1985.

artigo científico para disseminar informações codificadas profissionalmente, publicando-os em revistas especializadas. E valem-se do **artigo jornalístico** para emitir opiniões enquanto cidadãos, veiculadas em jornais ou revistas de informação geral. No entanto, os cientistas pertencentes ao segmento das Humanidades são hábeis no manejo utilitário dos dois formatos, preferindo dirigir-se à elite intelectual através do “*tipo*” de artigo denominado **ensaio**⁵.

Faltam, todavia, estudos empíricos capazes de discernir o uso desse formato comunicacional por parte da comunidade acadêmica brasileira. A propósito do artigo jornalístico, Gomes⁶ já havia coletado inferências sobre a participação dos cientistas brasileiros, no conjunto da nossa sociedade civil, ao analisar sua incidência no jornal *Folha de S. Paulo*.

A tese de doutorado de Targino amplia esse panorama, focalizando exclusivamente o artigo científico. Constrói um quadro conceitual destinado a situar esse formato no bojo da literatura científica, preocupando-se detidamente com o seu uso por parte dos cientistas nacionais que atuam nas universidades. Para tanto, realizou um inquérito junto a uma amostra da comunidade acadêmica brasileira, incluindo 540 docentes de todas as regiões brasileiras, procurando compreender as duas faces da mesma moeda. A autora traça um diagnóstico sobre a frequência de uso do artigo científico como fonte de informação universitária e, ao mesmo tempo, identifica a intensidade com que os cientistas recorrem ao artigo como instrumento de comunicação pública. Em outras palavras, pesquisa o comportamento dos cientistas brasileiros como escritores e leitores de artigos científicos. Ademais, o trabalho parte do pressuposto de que a mensuração da produtividade dos acadêmicos brasileiros, tal como realizada periodicamente pela CAPES, ancora-se fortemente na publicação de artigos científicos pelos pesquisadores vinculados aos cursos de pós-graduação. Quanto maior o volume de artigos publicados em revistas especializadas tanto mais significativo será o montante dos recursos recebidos pelos grupos de pesquisas para desenvolver novos projetos.

⁵ Em meu livro sobre os gêneros opinativos destaco a tese defendida por Afrânio Coutinho que prefere distinguir o “ensaio” do “estudo”, ancorando-se no suporte midiático de que se vale o cientista. Enquanto o artigo é veiculado pelos jornais e revistas informativos, o estudo ficaria restrito aos periódicos acadêmicos.

Vide: MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 124.

⁶ GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MARQUES DE MELO, José. *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992. p. 15-46.

RECENSÕES

Dentre as conclusões, chamam a atenção algumas tendências observadas pela pesquisadora:

1) O artigo científico constitui um formato cuja autoria é predominantemente coletiva. Cerca de 67% dos cientistas entrevistados escrevem artigos em regime de co-autoria, enquanto 33 % deles preferem atuar individualmente.

2) Predomina entre os cientistas brasileiros o uso da língua portuguesa (54%) como código de registro intelectual nos artigos científicos, embora uma parcela crescente (46%) já recorra à língua inglesa para comunicar os resultados das suas pesquisas.

3) A escolha dos periódicos em que publicam seus artigos é muito mais determinada pela afinidade temática (75%) e pelo prestígio do veículo (45%) do que pela natureza do público-leitor (34%).

4) É muito expressivo o contingente dos cientistas que assina regularmente periódicos científicos (71%) para ler artigos sobre as disciplinas ou temáticas com que lidam cotidianamente nas universidades.

5) O uso regular de artigos científicos pelos pesquisadores brasileiros justifica-se pela necessidade de atualização profissional (67%), não obstante eles reconheçam que a velocidade com os artigos são publicados nos periódicos científicos prejudiquem a preservação da sua atualidade. Isso significa dizer que os cientistas têm consciência da acentuada desatualização dos resultados das pesquisas divulgadas pelos artigos como decorrência do complexo processo de avaliação do respectivo conteúdo pelo *referees*, o que retarda sua publicação.

Ao final da tese a autora faz uma série de recomendações à comunidade acadêmica, algumas dirigidas especialmente às agências de fomento científico, outras endereçadas às lideranças universitárias. Sua preocupação principal é a otimização dos periódicos científicos enquanto veículos de difusão do conhecimento novo produzido pelas instituições de ensino superior. Neste sentido, a tese de Graça Targino preenche uma lacuna importante da bibliografia comunicacional brasileira. Grande parte do trabalho é dedicada à apresentação e interpretação dos dados colhidos na pesquisa de campo sobre o uso do artigo científico como canal de expressão acadêmica pelos docentes vinculados aos cursos de pós-graduação. Trata-se de um sofisticado diagnóstico sobre o comportamento comunicacional dos pesquisadores brasileiros, tanto como produtores quanto como usuários de artigos publicados em revistas científicas. A autora procura evidências para comprovar se efetivamente esse gênero da comunicação científica constitui o melhor indicador para mensurar a produtividade dos pesquisadores acadêmicos. Em fun-

RECENSÕES

ção disso, compara os diferentes segmentos da nossa comunidade universitária, tanto por regiões geográficas quanto por áreas de conhecimento. No entanto, essa discussão empírica é precedida de dois capítulos teóricos que assumem dimensão autônoma no corpo da tese. Um deles faz uma acurada revisão de literatura sobre o conceito de comunicação científica, promovendo o diálogo entre os teóricos da midiologia (disciplina ancorada nas ciências da comunicação) e os exegetas da documentação (disciplina situada no âmbito das ciências da informação). O outro constrói um referencial analítico sobre o periódico científico, centralizando sua ótica de observação no artigo enquanto gênero de expressão privilegiado historicamente pelos cientistas.

É desejável que a tese de Targino seja publicada imediatamente, pois servirá como fonte indispensável para jornalistas e bibliotecários, para editores e documentalistas. Seu interesse transcende as fronteiras entre comunicação e informação, situando-se como obra muito útil para os estrategistas e planejadores governamentais. Os postulados ali contidos e as evidências coligidas apontam questões fundamentais para a revisão das políticas públicas sobre fomento e produtividade em C&T.